Globethics Repository



Novas comunidades religiosas e o feminino [New religious communities and the feminine gender]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Alves Fernandes, Sílvia Regina
Publisher	Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-11-06 00:29:33
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/228510

CC BY NC

SEÇÃO TEMÁTICA

Novas comunidades religiosas e o feminino – mudanças em curso e retradicionalização*

New religious communities and the feminine gender – current changes and retraditionalization

*Sílvia Regina Alves Fernandes***

RESUMO: As novas comunidades religiosas católicas no Brasil têm desafiado as congregações religiosas tradicionais na medida em que produzem formas inovadoras de adesão à vida religiosa (VR). Essas formas conjugam tradicionalismo e flexibilidade e possuem maior capacidade de atração do segmento juvenil feminino. Analisa-se, neste texto, a Toca de Assis, uma nova comunidade que logrou o estatuto de instituto religioso, mas que consegue, em razão de sua juventude, estabelecer relações de gênero menos assimétricas. A pesquisa, realizada no período de 2009 a 2011, comparou algumas congregações religiosas de origem franciscana com a Toca de Assis, que, embora contemporânea, conjuga aspectos do medievo com a modernidade, sobretudo no que se refere ao uso de novas mídias e tecnologias de comunicação.

Palavras-chave: Novas comunidades; juventude; Toca de Assis; relações de gênero; Vida Religiosa.

ABSTRACT: The new catholic religious communities in Brazil has challenged traditional religious congregations because are able to produce innovative ways of adherence to Religious Life. These forms combine traditionalism and have greater flexibility and attractiveness of female youth segment. It is analyzed in this paper the *Toca de Assis*, a new community that succeeded the status of a religious institute, but is able, perhaps by being still young, to establish less asymmetrical gender relations. The research, conducted in the period 2009-2011 compared some religious congregations of Franciscan origin with *Toca de Assis*. This community, although contemporary, combining aspects of the Middle Ages to modernity, particularly in relation to the use of new media and communication technologies.

Keywords: New communities; youth; Toca de Assis; gender relationship; religious life.

---

* Agradeço o apoio da FAPERJ por meio do Edital Humanidades, 2009, e CNPq/PIBIC para a realização desta pesquisa. Participaram da coleta os graduandos em História do Instituto Multidisciplinar da UFRRJ: Leandro Gama, Luiza Barbosa, Bruno Loura, Geziel Sousa e Elizabeth Souza.

** Doutora em Ciências Sociais, Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRRJ e Pesquisadora sênior na Universidade da Flórida 2013-2014, com apoio CAPES. fernandes.silv@gmail.com

Introdução

As novas comunidades religiosas católicas têm crescido rapidamente no Brasil, capitaneadas por um novo modelo de Igreja, mais centrado nas dimensões espiritual e missionária. Esse modelo insere-se na esteira dos movimentos revivalistas como a Renovação Carismática Católica e introduz uma consequência não intencional na Vida Religiosa - VR clássica, a saber, o questionamento sobre a rigidez das estruturas. Rapazes e moças membros das novas comunidades religiosas podem aderir aos chamados votos evangélicos de pobreza, castidade e obediência, ao mesmo tempo em que moram com os familiares e possuem suas vidas privadas.

Outro modelo de novas comunidades busca a institucionalização e, embora emirja com uma estrutura mais flexível, finda por enrijecer o vínculo institucional, na medida em que cumpre as etapas exigidas pela hierarquia para a regulamentação da comunidade como um instituto religioso. Um caso exemplar desse modelo é o do Instituto dos Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento, em geral conhecido pelo nome de *Toca de Assis*[1], objeto central de análise neste texto. Esse enrijecimento por adequação à estrutura, contudo, não se dá de modo homogêneo e a Toca de Assis, na modalidade de instituto religioso, ainda expressa diferenciações quando comparada à VR clássica.

Com ramificações feminina e masculina, a Toca inovou, em suas origens, no que tange às relações de gênero, possibilitando espaços de realização e exercício de tarefas conjuntas na missão religiosa que, no caso dessa comunidade implica, sobretudo, no atendimento à população de rua nas grandes cidades. Entretanto, o processo de institucionalização, embora tendo produzido a criação dos institutos das Filhas e Filhos da Pobreza e criado hierarquias semelhantes à VR, apresenta flexibilizações na relação entre os gêneros feminino e masculino que serão mais bem exploradas no decorrer deste texto.

A abordagem metodológica da pesquisa é qualitativa. Foram realizadas entrevistas em profundidade com jovens que ingressaram nos institutos religiosos analisados. Por acréscimo, foram analisadas fontes escritas dos grupos de controle da pesquisa – congregações religiosas que adotam princípios do franciscanismo ou, na linguagem nativa, pautam sua espiritualidade e práticas no *carisma franciscano.* Além disso, foram entrevistadas freiras de ambas as congregações. A pesquisa foi concluída em 2011 e

[1] A terminologia Toca de Assis corresponde a uma comunidade religiosa mais ampla que inclui os leigos e beneficiários assistidos pelos religiosos, além de abrigar o recente Instituto dos Filhos e Filhas da Pobreza do Ssmo. Sacramento. Para fins redacionais, neste trabalho e por ter constatado na pesquisa que há um reconhecimento nominal dos jovens como toqueiros, toqueiras ou simplesmente jovens da Toca, adotaremos simplesmente a terminologia Toca de Assis para abordar o Instituto religioso. A comunidade de leigos simpatizantes da Toca e os assistidos não foram objeto de investigação desta pesquisa.

permitiu visualizar algumas das transformações em curso no que se refere à Vida Religiosa. A metodologia incluiu a abordagem teórica sobre o que Weber denominou de racionalização do carisma, característica inerente ao processo de institucionalização[2].

Os materiais coletados (folhetos, folders a Constituições[3]) das congregações religiosas do grupo de controle: os das Catequistas franciscanas e das Clarissas foram escanerizados e analisados de forma sistemática. Esse conjunto de materiais foi analisado a partir de critérios temáticos de modo que pudessem orientar a leitura comparada com os dados da Toca de Assis. As irmãs Catequistas possuem casa religiosa no Grande Rio, mais precisamente no município de Duque de Caxias, e as Clarissas possuem casa conventual no Rio de Janeiro.

Pretende-se neste texto analisar, numa perspectiva comparada, as temáticas gênero e modernidade a partir da Toca de Assis. Objetiva-se abordar as perspectivas religiosas dos jovens rapazes e moças desse grupo, que, no contexto atual, adotam características que se assemelham às formas de vida franciscana. O trabalho irá inscrever-se na perspectiva sociológica e atentar para as representações femininas como sugere Joan Scott[4] ao destacar o estado de arte dos estudos de gênero. Segundo a autora, estes não deveriam ater-se apenas ao domínio público, mas garantir que análises na esfera das representações sociais do feminino sejam realizadas.

Na primeira parte deste texto é apresentada a comunidade religiosa Toca de Assis e suas origens. Na seção seguinte é demonstrado como as representações de gênero aparecem em duas congregações da VR clássica e na Toca de Assis, todas igualmente inspiradas no franciscanismo. Por fim, discutem-se os desafios que o contexto sociocultural atual lança à VR como instituição que carece de um intenso processo de reformulação.

A Toca de Assis no contexto da Vida Religiosa

A Toca de Assis nasce como comunidade religiosa, em meados da década de 1990, a partir da iniciativa do Padre Roberto Lettieri, um sacerdote da Ordem dos Estigmatinos[5] que, em 2002, abandona seu anterior Instituto religioso e inicia um

[2] M.WEBER. *Economia e Sociedade*.

[3] Trata-se do documento que norteia as Congregações religiosas. Nas Constituições é possível entender as proposições do grupo no que tange à vivência do carisma e às regras comunitárias, dentre outros aspectos.

[4] J.SCOTT. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica.*

[5] Trata-se de uma Ordem religiosa de origem italiana fundada em 1816. Os primeiros Estigmatinos chegam ao Brasil em 1910. Confira: http://www.estigmatinos.com.br/congre1.htm. Acesso em 10/12/2013.

processo de fundação da nova comunidade religiosa fundamentada no carisma de cuidado dos pobres e adoração eucarística[6]. Ao longo do tempo, a chamada *Fraternidade Toca de Assis* passa a abrigar os Institutos dos Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento em clara manifestação do processo de rotinização do carisma que ocorreu de modo especial quando o padre fundador fora afastado da direção do Instituto, em razão de denúncias que oscilavam entre distúrbios psicológicos a situações inerentes à dimensão da sexualidade[7].

Os integrantes da Toca circulam entre as unidades presentes em território brasileiro, sendo transferidos de casas constantemente para assegurar a natureza do caráter, de certo modo errante, intrínseco à missão religiosa. Essa medida – as transferências – permite ainda uma maior distribuição do movimento religioso no cenário nacional, angariando novos adeptos em diferentes regiões brasileiras.

É sabido que, mundialmente, a Igreja Católica enfrenta a crise de vocações como consequência direta do processo de secularização que assola primeiramente a Europa e assume contornos diferenciados nas sociedades latino-americanas, especialmente no Brasil. Nas congregações religiosas clássicas, a crise se apresenta de modo mais agudo no universo feminino em comparação com o masculino. Por outro lado, no Brasil têm crescido o número de rapazes que se candidatam ao sacerdócio. Na VR tradicional, constituída por congregações e Ordens religiosas, há 3.791 noviças no país e cerca de 13.000 rapazes[8] que buscam a consagração religiosa seja como sacerdotes, seja como irmãos não ordenados, isto é, homens que se consagram, mas não objetivam a ordenação sacerdotal[9].

Essa tendência se inverte na Toca de Assis, que, ao longo de sua existência, vem apresentando um maior número de moças em comparação com o número de rapazes ingressantes. Mas quais seriam os fatores que atrairiam as moças na Toca de Assis e no que eles se diferenciariam das demais congregações religiosas? A maioria dos depoimentos exaltou o desejo de cuidar dos pobres, próprio ao carisma da Toca, e ainda

---

[6] S.R.A.FERNANDES, *Entre tensões e escolhas*.

[7] Não foi possível obter relatos oficiais sobre o real motivo do afastamento de padre Lettieri. Os toqueiros insistiam na afirmativa de que ele se afastara por motivos de estresse e necessidade de descanso. Contudo, o monitoramento que realizamos por meio da rede social Orkut, à época, demonstrou a diversidade de versões e preocupações de católicos, sejam leigos ou religiosos, com o fato. Um de nossos depoentes declara ainda em relação à figura do padre fundador e as saídas de membros da Toca: "Por que... eu acho que foi uma realidade que quando a gente percebeu que o pote era de barro, foi aonde muitos não conseguiram permanecer" (rapaz, 26 anos).

[8] Essas estatísticas eram produzidas pelo CERIS – Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais, mas, no momento, a instituição não esta produzindo números referentes às vocações religiosas, sejam masculinas ou femininas.

[9] S.R.A.FERNANDES. *Jovens religiosos e o catolicismo*.

uma dimensão bastante subjetiva, que diz respeito à alegria. Não é difícil observar o sorriso dos toqueiros e toqueiras que se espalham ligeiramente pelas regiões centrais de cidades como Rio e São Paulo vestidos com suas túnicas pesadas e rústicas. Esse *modus vivendi* pode soar atraente a uma juventude urbana que muitas vezes se depara com a sisudez das instituições religiosas.

Os depoimentos foram coletados junto aos jovens membros da Toca – rapazes e moças – espalhados em diversas casas religiosas no estado do Rio de Janeiro e, ainda, por meio de Skype para os que se encontravam fora do estado.

Em 2010, havia 445 moças na Toca de Assis e 264 rapazes. Assim, diferentemente da tendência nacional para a VR, a Toca de Assis atrai mais mulheres do que homens. O recrutamento ocorre majoritariamente a partir da sede que está situada na cidade de Campinas, no Estado de São Paulo, mas a Toca está presente em 14 Estados brasileiros com um total de 55 casas religiosas de naturezas diferentes. Assim, algumas casas denominadas de "casas de acolhida" recebem a população de rua para tratamento e encaminhamento hospitalar, funcionando como uma espécie de abrigo, enquanto outras casas são de natureza administrativa. Há, ainda, as casas cuja principal finalidade é a *contemplação aos Ssmo. Sacramento*. Essas se assemelham às clausuras tradicionais. Cumpre salientar que, em pesquisas anteriores, vimos que algumas mulheres jovens têm abandonado as ofertas da sociedade moderna para direcionar-se à VR, dessa vez por escolha e não mais por imposições historicamente situadas[10].

Não obstante a diminuição do número de membros do Instituto favorecida pela nova dinâmica administrativa que ocorre a partir do afastamento do padre Lettieri, a adesão religiosa feminina para esse estilo de vida resulta intrigante pelo fato de situar-se, a rigor, na contramão dos interesses do gênero feminino na contemporaneidade, a saber, liberdade, autonomia e emancipação. Mas há que se considerar que as gradações sobre a intensidade e extensão desse campo de valores associam-se às distinções de classe e escolarização.

Com proposta de inspiração franciscana, os toqueiros[11] ou Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento espelham suas ações no exemplo de São Francisco de Assis[12], dedicando-se ao cuidado dos pobres e dos aflitos. Eles são majoritariamente jovens que professam os votos religiosos – castidade, pobreza e obediência – e

[10] Ibid.

[11] Forma de tratamento dos rapazes do instituto.

[12] Ao evidenciar as características de Francisco de Assis, Alberto da Silvia Moreira acredita ser, este, um homem que adotou novos valores e prioridades, saindo do sistema que sua época acreditava ser o único. Sendo assim, Francisco de Assis possuía atributos como: ligação com a natureza; uma postura de interdependência, recuperando a sensibilidade e a solidariedade para com o mundo; e o respeito à singularidade (A. de. S.MOREIRA, São Francisco e os Pós-modernos).

consagram suas vidas à figura de Cristo seguindo a dinâmica clássica exigida para a inserção na Vida Religiosa.

Esses rapazes e moças adotam aspectos no vestuário e de conduta que remetem ao franciscanismo primitivo. Assim, eles usam túnicas marrons, andam de sandálias ou descalços fazendo referência ao estilo dos franciscanos do medievo[13]; chegam a pedir dinheiro para a passagem em algumas situações[14]. Os homens já consagrados utilizam o corte de cabelo tipo tonsura e as mulheres usam cabelos curtos e longos véus. A comunidade conta com a participação de moças e rapazes que estão divididos por unidades de gênero em várias partes do território brasileiro e em mais dois países (Portugal e Equador), fato que caracteriza a nova forma de evangelização das comunidades de vida; modos inovadores de ser católico que atendem a demanda da transnacionalização[15]. Cada unidade possui a rotina de vida de acordo com a missão com os pobres.

Como descrito anteriormente, há, entre os participantes da comunidade religiosa, uma grande rotatividade entre as diversas casas, fato que os coloca em permanente processo de transferência entre as unidades – submetidos que estão ao voto de obediência aos seus superiores. Essa atitude, conforme mencionamos, favorece o ideário de não desenvolvimento de raízes afetivas e materiais com os participantes do local e a comunidade do entorno.

Para ingressar na Toca de Assis, é necessário ter *vocação*, termo nativo que sugere eleição por Deus e apreço pelas atividades e proposta religiosa do grupo, entendida como *carisma*. Assim, após diversas etapas de formação, professa-se os votos permanentes. São cinco etapas, marcadas por vestimentas e tempo de duração distintos. A sequência das fases segue as diretrizes da VR tradicional: pastoral vocacional; aspirantado; postulantado de primeiro e segundo ano; noviciado e juniorato[16].

Historicamente, as mulheres estiveram sujeitas às instituições religiosas, graças, sobretudo às imposições familiares e culturais. O trabalho de Georges Duby[17] e os de outros historiadores demonstram como a representação sobre o universo feminino na Igreja do século XVII sugeria que as virtudes femininas não poderiam ser assim consideradas se fosse levada em conta a natureza da mulher, que tenderia ao mal. Assim,

---

[13] R.PORTELLA. *Medievais e pós-modernos: a Toca de Assis e as novas sensibilidades católicas juvenis*.

[14] S.R.A.FERNANDES. *Entre tensões e escolhas*.

[15] C.L.MARIZ. *Missão religiosa e migração.*

[16] Cada uma dessas fases possui uma dinâmica específica em termos de formação e de tempo de dedicação exigido dos jovens candidatos. Cada congregação define também o que será estudado em cada fase. Mas é certo que o noviciado é a parte mais intensa do período de formação e, logo após a sua conclusão, os jovens fazem os chamados votos religiosos de pobreza, castidade e obediência.

[17] G.DUBY, Georges. *Eva e os padres – damas do Século XII.*

só a graça de Deus poderia torná-las virtuosas e elas deveriam masculinizar-se de modo a vencer as tentações demoníacas.

Tal representação expressa pelos padres da Igreja em relação às mulheres demonstra como, ao longo da história, também no universo religioso, o poder masculino buscou construir a identidade feminina sob a ótica da fragilidade e submissão. Entretanto, após longas reivindicações, as mulheres ocuparam uma posição de destaque na sociedade, assumindo funções antes confiadas somente ao gênero masculino.

As religiosas na Toca de Assis primam por enfatizar duas palavras em suas narrativas: liberdade e alegria. Para elas, a escolha por um modelo de vida que as coloca em contato direto com os mais pobres representa principalmente a liberdade. É interessante notar que muitas jovens em congregações religiosas tradicionais, sobretudo de vida ativa, isto é, que possuem atividades na sociedade – ascetas intramundanos, na linguagem weberiana[18] – tendem a criticar a estrutura da VR que, de certo modo, tolhe a liberdade humana[19].

É comum que, ao ingressar no Instituto, as jovens efetivem o trancamento de matrículas ou até mesmo abandonem suas faculdades. Alguns depoimentos sugerem que as jovens priorizam a missão religiosa em detrimento do conhecimento formal, fato que no universo masculino da VR clássica não segue a mesma orientação. Por outro lado, não obstante a existência de certa recusa ao conhecimento formal, tem havido alguma valorização dos estudos nos Institutos, especialmente a partir de 2010, com a reformulação da Toca de Assis. Caso essa tendência permaneça, poderá provocar, em médio prazo, alterações importantes no perfil dos toqueiros e toqueiras.

Segundo alguns estudiosos[20], as características da sociedade global contemporânea, tais como a tecnologia e o capitalismo, permitem entender o sucesso desse movimento religioso, pois o novo cenário que é constituído possibilita que os/as jovens que a ele aderem desenvolvam o discurso da esfera religiosa como redentora. Cecília Mariz[21] sugere que *o sucesso das religiões e grupos religiosos pode depender da sua capacidade de recuperar e acionar mitos e símbolos que atribuam sentido as experiências de desenraizamento e de um estilo de vida mutável*.

Destaque-se que a adesão feminina à Toca de Assis reside no fato de que as moças possuem uma percepção do mundo como sendo um caminho de incertezas, com falta de sentido e segurança. Segundo as toqueiras, a sociedade perdeu o sentido e a adesão a VR as coloca em situação de desenraizamento com padrões anteriores e adoção de um novo estilo de vida que se lhes apresenta mais plausível. Neste sentido, a missão

[18] M.WEBER. *Rejeições religiosas do mundo e suas direções*.
[19] S.E.A.FERNANDES. *Jovens religiosos e o catolicismo*.
[20] B.CARRANZA e C.MARIZ. *Novas comunidades católicas: porque crescem?*
[21] C.MARIZ. *Missão religiosa e migração,* p. 168.

atribuída a cada integrante é considerada o ponto primordial para sua *sujeição,* que tem como objetivo o aproximar-se de Deus. Tal *aproximação* implica quase sempre afastamento territorial e, deste modo, o desenraizamento assume um duplo sentido: espiritual e territorial.

Representações de gênero a partir do carisma franciscano – Clarissas, Catequistas Franciscanas e Filhas da Pobreza (Toca de Assis)

A historiadora Carla Casagrande[22], ao estudar o gênero feminino na Idade Média Ocidental, atesta que o comportamento submisso era uma realidade de época, devido à ideologia e à organização social vigentes. Contudo, entre o final do século XII e o século XV, nota-se um aumento nos textos que falam às mulheres, formando uma nova pedagogia para instruí-las no papel de esposa, mãe e filha. Essa nova pedagogia, proposta principalmente pelos frades mendicantes, visava responder às necessidades religiosas e ideológicas da nova realidade social, pois as mulheres eram vistas como sustentáculos da política pastoral, posicionamento que alterou a vivência do gênero feminino. As contribuições teóricas do século XII ao XIV procuram construir um modelo ético feminino adaptado à nova sociedade, assinalando um caminho de virtude e salvação, inspirando-se em textos sagrados e filosóficos.

Delir Brunelli[23] analisa a similitude entre a biografia de Clara de Assis e o movimento religioso nos séculos XII e XIII, destacando as dificuldades e os dilemas presentes desde o final do século XI para que o gênero feminino tivesse maior participação na VR e se inserisse em movimento de adoração a Jesus e ajuda aos pobres. A participação das mulheres no movimento religioso causou uma resposta negativa por parte da Igreja, que não almejava este tipo de inserção feminina devido à mentalidade da época. A atitude em questão favoreceu a aproximação das mulheres ao movimento herético, escolha também relacionada à baixa oferta de vagas nos mosteiros que acolhiam e permitiam ocupar importante função, como a ministração da Eucaristia.

A análise das fontes disponibilizadas pelas congregações franciscanas, que serviram como controle na atual pesquisa, foi realizada visando estabelecer similaridades, aproximações ou diferenças entre as narrativas franciscanas clássicas e as narrativas da Toca de Assis na contemporaneidade. Desse modo, os subtemas foram selecionados a partir dos objetivos da pesquisa que investiga a dinâmica da Toca de Assis como um

[22] C.CASAGRANDE. A mulher sob custódia.
[23] D.BRUNELLI. Clara de Assis e o movimento religioso feminino nos séculos XI – XIII.

caso típico-ideal de novas comunidades. Esse estudo permite alçar novas possibilidades interpretativas no que diz respeito à relação entre modernidade e tradição no universo religioso do Catolicismo e, mais especificamente, na dimensão das escolhas religiosas dos jovens. Serão tratados aqui os subtemas gênero e modernidade.

A Ordem Clausural das Clarissas foi fundada no início do século XIII, mais precisamente em 1212, por iniciativa de Clara de Assis. Há cerca de 20.000 irmãs Clarissas em todo o mundo, distribuídas em 986 mosteiros. No Brasil, há 282 religiosas dessa Ordem, distribuídas em 20 mosteiros[24]. Segundo as fontes consultadas, as Clarissas foram as primeiras religiosas a se estabelecer no país, vindas de Évora (Portugal) na segunda metade do século XVII (1677).

Por ser uma Ordem típica do Franciscanismo clássico, optou-se por escolhê-la como uma das Congregações de controle da pesquisa. As freiras do Mosteiro das Clarissas situado na Gávea nos forneceram alguns materiais/fontes no Rio de Janeiro; outras fontes foram acessadas por meio da Internet. Em geral, foram utilizados os textos ou informações disponibilizados nos sites oficiais das congregações.

O outro grupo de controle, as Catequistas Franciscanas, constitui uma congregação religiosa contemporânea e brasileira, oriunda do Estado de Santa Catarina, no sul do país. A primeira organização tem sua origem no ano de 1913, a partir da ação das então denominadas *moças da Ordem terceira franciscana e do movimento das Filhas de Maria nas escolas da paróquia do Rodeio – SC*.[25]

A receptividade à pesquisa por parte das religiosas dessa congregação foi maior e foram obtidos vários materiais para consulta. Atualmente, há aproximadamente 460 irmãs catequistas franciscanas espalhadas em 20 Estados brasileiros, além de mais 10 países: Angola, Argentina, Guatemala, República Dominicana, Bolívia, Paraguai, Chile, Alemanha e Timor Leste.

Esta congregação religiosa, embora oriunda do carisma franciscano, difere bastante das Clarissas, sobretudo na compreensão do que representa a experiência de vida consagrada. Em lugar de permanecerem nos claustros, optam pela moradia em periferias urbanas ou rurais e pela busca do sustento a partir de suas profissões. O caráter secular das catequistas pode ser lido na própria apresentação oficial que a congregação expressa:

> Temos como projeto de vida seguir Jesus Cristo, do jeito de Clara e Francisco de Assis. Vivemos em pequenas fraternidades inseridas no meio do povo simples e pobre. Assumimos com ele as lutas do dia-a-dia, as angústias e esperanças, buscando construir um mundo mais humano, justo e solidário. [...].

[24] Informação disponível no site oficial da Congregação: www.clarissas.com.br. Acesso em 15 de setembro de 2012.

[25] Folheto "90 anos a Caminho do Povo". s/d. Material disponibilizado pelas Catequistas Franciscanas.

> Vivemos do nosso trabalho, em diferentes profissões e serviços. Adotamos um modo de vida simples, colocando em comum os dons pessoais e o fruto do nosso trabalho. Conforme nossa origem, usamos veste civil, adequada ao nosso estilo de vida e à nossa missão no meio do povo[26].

Vejamos, primeiramente, as irmãs Clarissas. Observou-se, em cada uma das fontes, as menções feitas à figura feminina e suas atribuições, bem como a relevância do papel masculino na consolidação do franciscanismo. Nos folhetos não foram encontradas referências que fizessem alusão a essa temática. Fontes bibliográficas analisadas destacam o que seria a complementação dos gêneros e a especificidade do feminino no auge do franciscanismo primitivo.

Um dos autores[27] destaca que Francisco e Clara de Assis possuem a mesma mensagem a ser anunciada, mas esta apresentaria uma modalidade distinta. É sublinhada a *genialidade feminina* na busca de unidade sem desperdício de energia. Para o autor, tanto a itinerância quanto a clausura têm o sofrimento da cruz como meta. Essa dimensão do sofrimento de Cristo é bastante salientada nos escritos, assim como os aspectos do louvor e do canto. Constata-se a defesa da existência de uma forte relação entre as ordens feminina e masculina e a preocupação de que uma não anule a outra, mas sejam complementares.

Destaque-se que o discurso sobre o feminino é produzido por uma figura masculina e francamente assimilado pelas religiosas que consomem de modo intenso essa literatura e a indicam como referência. Em discurso mais contemporâneo, analisado a partir de uma das fontes, o papa João Paulo II reforça a ideia de que as mulheres seriam as esposas de Cristo e enaltece a vocação dessas religiosas a partir deste enfoque:

> Convido-as a rezar, e é o meu desejo que repitam em nossa época o milagre de São Francisco e Santa Clara. Porque a moça, jovem, a mulher contemporânea deve se encontrar nesse esplêndido carisma, certamente escondido, realmente privado de exterioridades aparentes, mas quão profundo, quão feminino! Uma verdadeira esposa! Não sabeis vós, escondidas, desconhecidas, quanto sois importante para a vida da Igreja quantos problemas e quantas coisas dependem de vós. É necessária uma redescoberta daquele carisma, daquela vocação. Faz-se mister a descoberta da legenda divina de Francisco e Clara[28].

---

[26] Confira no site oficial da congregação: http://www.cicaf.org.br. Acesso em 12 de setembro de 2010.
[27] F.G.BINI, *Clara de Assis: Um hino de louvor*.
[28] Folder: *Ordem de Santa Clara. Mosteiro de Nossa Senhora dos Anjos da Porciúncula*, 2010. Trecho do discurso de João Paulo II.

A atribuição do papel de esposa às religiosas é encontrada em mais de uma fonte analisada. Enquanto São Francisco pode ser visto como aquele que se transforma na imagem viva do *Amado* (alusão à figura de Cristo), Santa Clara é a *amada transformada no Amado*[29]. Clara é percebida não apenas como fundadora de uma ordem religiosa, mas como a virgem ascética que abandonou o mundo para seguir o *Esposo Celeste*[30].

As tensões relacionadas às relações de gênero no medievo foram explicitadas em uma das fontes na qual o autor descreve que, no ano de 1230, o papa Gregório IX decretou que as irmãs não poderiam receber visitas dos frades sem que tivessem autorização do papa. Não obstante, há menção a resistências femininas como a greve de fome de Clara e suas irmãs, fato que fez com que o papa permitisse a ida dos frades ao convento com autorização dos superiores.

Outro episódio que retrata o pioneirismo feminino de Clara de Assis diz respeito à Regra da Ordem. Após seguir diferentes regras formuladas pelos homens da Igreja e seguindo as práticas daquele período histórico no qual só havia duas regras a serem seguidas, as de Santo Agostinho e de São Bento, Clara conseguiu que a sua *Forma de Vida*[31] fosse aprovada pelo cardeal em 1252 e no ano seguinte, em 1253, recebesse a aprovação do papa Inocêncio IV. O fato ocorreu um pouco antes da morte de Santa Clara e a Regra Clariana constituiu-se como a primeira escrita por uma mulher[32], ainda que se inspirasse nas normas recebidas por São Francisco e na Regra dos Frades Menores.

A trajetória de Clara de Assis demonstra o desenvolvimento da religiosidade feminina no período em questão, pois esta figura do Catolicismo medieval, instigada pelas atitudes de Francisco de Assis, enfrentou as mesmas dificuldades por almejar viver a radicalidade da pobreza e o evangelho. A atitude religiosa de Clara de Assis assume importância quando a jovem religiosa funda uma comunidade junto à Igreja de São Damião. Essa comunidade guarda semelhanças com o movimento das Beguinas, mas se insere no movimento franciscano. Como forma de vida, não obstante as imposições eclesiásticas, Clara de Assis defendeu à risca a pobreza, resistindo à posse de bens e, por fim, conquistando o *privilégio de pobreza* cedido pelo papa. Com efeito, apesar de ser julgada como frágil, a vivência religiosa dessa nova comunidade mostrava a Francisco de Assis e outros a capacidade feminina de experimentar a radicalidade da pobreza.

As religiosas Clarissas compreendem que os franciscanos possuem períodos de formação similares ao ramo feminino da congregação, mas só até o noviciado. Ao começar a estudar formalmente, eles se diferenciam bastante porque se tornarão

[29] J.R.CARBALLO. *Clara de Assis e de hoje*, p.11.
[30] SILVA (Org.). *Atas do Ciclo a Tradição Monástica e o Franciscanismo*.
[31] Nome dado à Regra de Santa Clara, do latim *Forma vivendi*.
[32] J.C.S.PEDROSO. *Santa Clara de Assis*.

doutores e professores. Além disso, é destacado que os franciscanos assumem atividades seculares e não possuem a vida de clausura. Assumindo esse fato como um dado natural e próprio a cada um dos segmentos religiosos que adotam o mesmo carisma, as religiosas não problematizam os diferentes papéis de gênero no franciscanismo.

Outro dado relevante no que diz respeito às Clarissas foi a identificação de uma relativa procura desta congregação por parte das moças que passaram ou ainda estão na Toca de Assis. Uma das depoentes declarou ter feito experiência na Toca antes de buscar as Clarissas. A principal motivação para a mudança estava relacionada com o desejo de maior silenciamento e afastamento das ações no mundo; fato que, apesar de existir o modelo clausura também na Toca de Assis, não a satisfazia plenamente.

É curioso notar esse movimento das jovens em busca de modelos de VR que ofereçam a clausura. Embora tenha sido destacado no início deste trabalho que a crise da VR incide mais fortemente no universo feminino – tendo-se a Toca como exceção –, cumpre sublinhar que as congregações de clausura têm recebido muitas moças desejosas de fazer a experiência da Vida Religiosa. Esse dado pôde ser constatado em trabalhos anteriores de pesquisa[33] e confirmado durante o campo com a pesquisa sobre a Toca de Assis[34].

A tensão entre a ação e a contemplação parece estar em jogo nesses casos e pode relacionar-se ainda com o excesso das sociedades contemporâneas. Em tempos de ativismo e exagero das ofertas de realização pessoal, opta-se pela falta ou, como explicam as Clarissas, *pela simplicidade da vida* e por *nada ter de próprio* demarcando o sentido que atribuem a experiência dos votos religiosos, especialmente a pobreza. O mesmo pode ser dito das representações do feminino. Essas mulheres tendem a não abraçar bandeiras que colocam suas identidades em evidência, uma vez que optaram pelo *escondimento* ou afastamento do mundo[35].

Sobre as irmãs Catequistas franciscanas, obteve-se maior acesso aos materiais impressos e às entrevistas. Uma das fontes analisadas relata com mais detalhes[36] o carisma franciscano e a aproximação das Catequistas com essa espiritualidade, bem como se sublinha a relevância de Clara de Assis na configuração do carisma desta congregação. Contudo, as irmãs, em entrevista, argumentam que a figura de Clara de Assis ganha maior relevância com o decorrer do tempo no interior da congregação. Em

[33] S.R.A.FERNANDES. A não ordenação feminina: delimitando as assimetrias de gênero na Igreja Católica a partir de rapazes e moças vocacionados/as; Vida Religiosa Feminina: tradição e modernidade em perspectiva.

[34] S.R.A.FERNANDES. *Racionalização religiosa em tempos de pluralismo*.

[35] S.R.A.FERNANDES. A não ordenação feminina.

[36] Fonte: Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas. Memórias e Sonhos. s/d.

suas origens, as Catequistas aproximavam-se mais diretamente dos escritos sobre a vida de Francisco. Nesse quesito, a Toca e as Catequistas apresentam similaridades.

Anteriormente à formação da Ordem, o carisma franciscano foi implantado em uma associação religiosa ligada ao início das Catequistas franciscanas: a Pia União das Filhas de Maria, em 1895. Este carisma viria da terceira Ordem franciscana, que abrigava tanto homens quanto mulheres. Inicialmente, as irmãs não tinham muito conhecimento sobre o franciscanismo, mas seguiam aspectos que consideravam ser principais desta espiritualidade, a saber, a dimensão da pobreza.

As moças que começaram a Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas eram oriundas das Filhas de Maria, associação religiosa franciscana em que já seguiam a regra da Ordem Terceira. A Terceira Ordem Franciscana esteve presente durante a fundação e deu às irmãs o título de Irmãs Catequistas Franciscanas, já que passaram a fazer parte da Ordem. Essa institucionalização só ocorre em razão do próprio crescimento da organização religiosa e, segundo uma de nossas entrevistadas, por imposição de um dos bispos da época.

Por ocasião da celebração de 90 anos[37] da congregação, o tema Franciscanismo é evidenciado. Na fonte consultada é notável a exaltação de Francisco e Clara de Assis como *irmão Sol* e *irmão Lua*, além de suas imagens fazerem parte do ambiente. A vida e missão das Catequistas são embasadas no exemplo de Clara e Francisco.

A vida de Francisco de Assis é bastante mencionada nos escritos dessa Congregação[38] e destaca-se a mudança drástica por ele experimentada ao abandonar a vida abastada em família e partir em busca dos mais pobres, doentes e pessoas necessitadas em locais desconhecidos e caminhos difíceis. É feita uma analogia entre essa mudança de vida e o estilo de vida das missionárias, que escolhem viver a pobreza seguindo por locais desconhecidos; conhecendo novas pessoas e abrindo-se a novos desafios.

Entre as irmãs catequistas há um setor totalmente dedicado à abordagem da *linha inspiradora 4,* que trabalha as relações de gênero. Apesar de abordar outros grupos tidos como minorias, a condição do gênero feminino recebe destaque. Uma das religiosas descritas no documento pesquisado teve uma experiência de trabalho com mulheres da periferia do Rio de Janeiro. O texto é aberto com um poema dedicado às mulheres no qual são exaltadas qualidades femininas como generosidade, ternura, além dos *ouvidos atentos* e *olhos abertos*. Deus é tratado como Deus-Mãe durante o poema e é rechaçada qualquer forma de dominação sobre as mulheres. A mulher ganha o papel de levar a esperança, a paz e a liberdade para as pessoas. Nesse poema é exaltada ainda a capacidade da mulher de gerar vida através de um desenho de uma mulher grávida.

[37] Folheto de celebração dos 90 anos da Congregação – "90 anos a Caminho do Povo".
[38] Alimentando as Linhas - Outubro de 2008 (4) p.9, 10, 11, 12.

Nas páginas seguintes, os versos do poema servem de tema para a discussão. A partir da discussão, é possível perceber o alto nível de conhecimento e reflexão das irmãs sobre a mulher na atualidade. Elas declaram que sua posição é de conflito, pois existem seus desejos e suas possibilidades. São mencionadas as conquistas femininas: emprego, sexualidade, escolhas, mas o texto ressalta que tais conquistas não se configurariam como um sintoma da existência de uma igualdade de gênero na sociedade, uma vez que há políticas e estruturas que não levam em conta a situação da mulher.

As irmãs assumem um tom de denúncia da posição subordinada da mulher dentro da Igreja em oposição às conquistas femininas fora da Instituição. Salientam ainda o fato de ser maioria na VR. Um desafio é feito para os religiosos para *assumir uma metodologia inclusiva das relações de gênero.*

O conteúdo da fonte pesquisada atenta ainda para a antítese entre a crescente individualidade atual e a premente necessidade de cultivo das relações humanas. Sugere-se que a mulher tem como desafio a contribuição na conservação dos valores necessários para essas relações que respeitam as diferenças de gênero, entre idosos, adultos e crianças.

As qualidades femininas aparecem mais uma vez como dadas por Deus e usadas para ajudar as pessoas. Ternura, perseverança, amor e cuidado são valores enfatizados nos textos. Retomando como a mulher foi inserida na sociedade sem direitos, o texto explica que a obtenção da igualdade não significaria a negação das diferenças, mas, antes, representaria a busca de igualdade de direitos e oportunidades para ambos os sexos.

As religiosas demonstram como teve início a luta pela igualdade de gênero, defendendo que o objetivo só pode ser alcançado da periferia para o centro e tem como ajuda as CEBs – Comunidades Eclesiais de Base –, grupo que recebeu a contribuição de muitas mulheres para a sua consolidação na sociedade e na Igreja. Dentro das CEBs, segundo os relatos, as participantes, que se preocupavam com sua posição de subordinação, fizeram suas denúncias e apelos nos encontros intereclesiais.

Através da autora do livreto, as irmãs Catequistas Franciscanas atribuem à Teologia da Libertação o papel de incentivadora na emancipação feminina, na medida em que, por meio dessas narrativas, as freiras lançaram-se mais intensamente à vida secular trabalhando junto aos pobres e trabalhadores e reduzindo as atividades clássicas em hospitais e conventos. Citam o trabalho das congregações religiosas femininas e das próprias Irmãs Catequistas Franciscanas, que defendem o direito das mulheres, movimentos feministas, agindo contra a violência doméstica e social e, ainda, escrevendo uma teologia feminista e inclusiva. É exaltada a participação das congregações religiosas femininas nas CEBs e sua contribuição, denunciando a falta de reconhecimento deste trabalho em análises sociológicas sobre as CEBs. Lembram o

trabalho das irmãs em Duque de Caxias e São João de Meriti, municípios do Estado do Rio, e ao fim, ao fazer um agradecimento a Deus, referem-se à figura divina como *a Divina Mãe geradora da Vida.*

No documento intitulado Forma de Vida[39], das Irmãs Catequistas Franciscanas, emerge uma vez mais a temática das relações de gênero. Nitidamente, o uso da fórmula *irmãos e irmãs* denota a consciência de gênero dessas religiosas que abandonam o uso corrente da forma masculina. Ressalte-se, entretanto, que há algum tempo as fórmulas litúrgicas católicas utilizam os termos *irmãos e irmãs*.

A abordagem de gênero das religiosas, entretanto, não problematiza a situação do dogma da virgindade mariana. Assim, as irmãs são aconselhadas a seguir o exemplo de Maria em sua castidade e servidão a Deus. As Catequistas Franciscanas ressaltam que devem ser *servas do senhor*, colocando-se como mulheres a serviço da vida para ajudar as pessoas a conquistar sua dignidade.

A história da fundação da congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas, de Francisco e Clara de Assis, é relatada em outra fonte analisada[40]. O texto destaca que desde o início do franciscanismo a história das mulheres e de sua importância se faz presente. Desse modo, o primeiro grupo de pessoas que quis seguir a Forma de Vida da Terceira Ordem era composto por mulheres, constituído por volta do ano 1247, no século XIII. Esse grupo, quando aprovado pela Igreja, constituiu a Terceira Ordem Regular formada por homens e mulheres.

Na história da fundação, há o título *Por que não as mulheres?* - nele, é realizado o percurso das origens da Congregação e destaca-se a escolha de mulheres para cumprir o papel de professoras nas escolas. É interessante destacar que, seguindo a tendência histórica de fundação das congregações religiosas, foi um homem, neste caso, Frei Policarmo, quem primeiro pensou na ideia de mulheres como professoras, e estas foram primeiramente chamadas de uma paróquia onde as moças *não pareciam pensar no casamento.* Essas moças participavam da Ordem Terceira Franciscana e da Pia União das Filhas de Maria, mas ainda não eram irmãs, sendo somente leigas cristãs. Além de ser professoras, elas ajudavam a família nos afazeres domésticos. Foi o Bispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira, a pedido de Frei Policarpo, que, no intuito de nominar esse grupo de jovens moças, lhes atribui o título de Catequistas, ficando assim constituída a Companhia das Catequistas.

No mesmo documento, é relatada a história da fundação e as Irmãs atribuem uma grande importância àquelas que iniciaram a instituição. É reservado um longo espaço da fonte para contar a história das primeiras moças que se tornaram professoras e

[39] Páginas: 16, 18-21, 23-24; 37,40.

[40] Memórias e Sonhos. Páginas: 26, 32, 34, 36, 37, 39, 48, 49, 60.

começaram a Congregação. Após a apresentação das antigas irmãs, é questionado às leitoras com quem elas mais se identificaram. As irmãs contam que sua Congregação foi uma grande inovação para a época, sempre ocupando a vanguarda, mas que, no começo, encontraram críticas e medos como, por exemplo, o temor dos pais de terem suas filhas moças sozinhas em lugares afastados.

Ressalte-se que todo o documento trata das mulheres como protagonistas de sua própria história. A diferença na maneira como são tratadas as questões de gênero entre as Catequistas Franciscanas e as Clarissas é evidente. As Catequistas demonstram uma perspectiva mais crítica sobre as questões de gênero e a construção da identidade feminina, sendo esse tema inserido em sua programação de estudos e palestras. Elas, de certo modo, contestam o comportamento de algumas religiosas que estariam menos conscientes das intrincadas redes que envolvem as relações de gênero na Igreja Católica. Por outro lado, as Catequistas tendem a ressignificar a figura de Maria criando possibilidade de identificação com esse ícone que, se por meio do discurso oficial é apresentada como uma mulher sublime, na releitura das Catequistas franciscanas adquire vigor e dimensão contestadora.

No caso das Catequistas franciscanas, as questões de gênero estão presentes desde a fundação dessa Ordem religiosa e são exploradas até a contemporaneidade. Em uma das fontes já mencionadas, a questão de gênero é colocada como meta no sentido de se buscar a compreensão e respeito das diferenças entre homens e mulheres. É destacada a necessidade de afirmar a presença das mulheres no mundo, as Catequistas e as mulheres que fazem parte de outras minorias, como indígenas e afrodescendentes.

A exaltação das mulheres é feita também em um poema escrito por uma irmã que trabalhou com mulheres na periferia do Rio de Janeiro. A mulher ganha o papel de levar a esperança, a paz e a liberdade para as pessoas.

As fontes oriundas das irmãs Catequistas franciscanas demonstram que a crítica é feita em relação ao lugar da mulher na sociedade moderna. Elas declaram que sua posição é de conflito, pois existem seus desejos e suas possibilidades. Por outro lado, nota-se que elas destacam algumas conquistas femininas na sociedade mais ampla, como, por exemplo, nas esferas profissional e sexual. As irmãs entendem que, se essas conquistas denotam avanços, estes ainda não seriam suficientes para assegurar a existência de igualdade de gênero na sociedade, uma vez que estariam ainda presentes determinadas estruturas e políticas que prejudicariam as mulheres.

Em síntese, as relações de gênero se configuram como um tema fundamental na vida das Catequistas Franciscanas, que procuram atuar criticamente e interferir na realidade sociocultural em que se inserem.

Lançando um breve olhar comparativo entre Clarissas e Catequistas, tem-se que nos depoimentos das irmãs Clarissas da Gávea notou-se que o tema *relações de gênero*

não ocupa espaço em suas reflexões. Essas irmãs abordam a temática brevemente e tendem a não identificar diferenças ou desigualdades de gênero dentro da Igreja, naturalizando, portanto, essas relações no interior da instituição.

As Clarissas constroem a identidade feminina sob a ótica da reclusão, uma vez que percebem que a verdadeira esposa de Cristo é aquela que se dedica só a ele, espiritualmente, reclusa do resto do mundo. A identidade dessas religiosas está fortemente ancorada no modelo proposto por Clara de Assis.

Quando se trata de falar sobre o franciscanismo primitivo, a vida entre religiosos e religiosas é vista como uma decorrência histórica em que homens e mulheres são considerados irmãos. Mas destacam que a inspiração para a vida das Clarissas é proveniente de Clara de Assis, que assumiu a vida de clausura apesar de seu objetivo inicial ser outro, o de viver como seu primo Francisco. Ainda no franciscanismo primitivo, as irmãs exaltam a luta de Clara para continuar com essa fraternidade, destacam a greve de fome que Clara fez para que o papa voltasse atrás em sua decisão de só deixar que os frades visitassem o mosteiro com a permissão dele. Clara também foi um grande marco na história da mulher dentro da Igreja por ser a primeira a escrever sua própria regra. Aqui, nota-se uma exaltação de bravura e não de submissão na figura dessa personagem histórica.

Nas fontes relativas à vida das Clarissas, hoje são poucas as referências à discussão sobre gênero. Em uma delas, é destacada a diferença entre homens e mulheres e afirma-se que irmãos e irmãs têm sua contribuição a dar. Reconhecem-se diferenças entre os sexos, exaltando-se, contudo, o que seriam virtudes femininas. A representação das Clarissas sobre a mulher religiosa é expressa por meio da similaridade com Maria, seguindo a forma como é narrada pela tradição católica. Assim, as entrevistadas não teceram críticas ao papel de homens e mulheres na Igreja, mas o encaram como sendo natural: *cada um tem o seu papel, e isso é como deve ser.*

Assumindo o distanciamento temporal entre medievo e modernidade, sublinhamos que o estatuto das mulheres dentro do Catolicismo ainda é passível de discussão. Estudos demonstram que, diante dos ganhos propiciados pela sociedade contemporânea, em que é possível pensar a relação de gênero, a declaração do então papa João Paulo II, em 1994, através da carta apostólica *Ordinatio Sacerdotalis*[41], recebe apoio de um grupo em prol da manutenção da tradição[42]. Parte das entrevistadas do estudo citado atestou seguir os princípios deixados por Jesus Cristo, isto é, explicita-se uma visão de que a subordinação da mulher nas funções eclesiais não se configuraria como discriminação, mas, antes, como um sinal da permanência da tradição.

[41] Esta carta encerra as discussões sobre a ordenação feminina, considerando inviável tal procedimento devido os arcabouços teológicos.

[42] S.R.A.FERNANDES. A não ordenação feminina.

Voltando o olhar para a Toca de Assis no contexto das relações de gênero, vê-se que, não obstante as restrições eclesiásticas, novas possibilidades de inserção e expressão de espiritualidade ao gênero feminino são observadas. Nota-se que, dentre essas novas iniciativas, emergem as Filhas e os Filhos da Pobreza, ainda que não realizando uma reflexão sistemática em relação aos papéis de gênero, como é o caso das irmãs Catequistas. Contudo, isso não significa dizer que não ocorram aproximações cotidianas entre os ramos feminino e masculino na Toca de Assis.

Administrando identidades jurídicas separadas, os toqueiros e toqueiras assumem atividades conjuntas e realizam tarefas comuns em uma atitude de apoio mútuo no campo pastoral. Essa postura é rara na VR tradicional quando se trata de congregações que possuem os ramos masculino e feminino.

A possibilidade de avanço nos estudos e construção de percursos hierárquicos e intelectuais diferenciados nos modelos clássicos da VR pode se apresentar como um importante fator de diferenciação em relação à Toca de Assis no que tange às relações de gênero.

Rapazes e moças na Toca de Assis experimentam as mesmas possibilidades de ascensão interna a cargos como os de Guardião ou Guardiã, Custódio/a ou Ministro/a geral[43] e ambos os institutos seguem os mesmos passos na formação de seus membros. Como são muito raros os casos de irmãos que almejam a ordenação, a formação de ambos os segmentos obedece a padrões internos similares, diminuindo as assimetrias de gênero no que se refere ao exercício de funções hierárquicas nos respectivos Institutos.

A menor assimetria de gênero transparece ainda no trabalho pastoral que esses jovens realizam. Suas justificativas para o trabalho conjunto de *pastoral de rua* sugerem cuidado e complementaridade entre os gêneros. Os irmãos se preocupam se as irmãs assumem trabalhos pastorais nas ruas das grandes metrópoles durante a noite, em razão dos riscos que a cidade oferece.

> Assim por exemplo, os irmãos fazem pastoral de rua, nós temos a liberdade de fazer a qualquer horário, por sermos homens. É lógico que, para elas, dificulta um pouco, elas não podem fazer pastoral de rua à noite, por serem mulheres. Elas têm que depender de nós para fazer pastoral junto. Não é uma dependência, mas uma necessidade. Até pelo risco que se corre. Então, não há distinção nenhuma, por exemplo, tudo que cabe a elas, elas fazem e tudo que cabe a nós, nós fazemos. Mas, existem certas coisas que, por fragilidade do sexo, tem necessidade que nós as acompanhemos. A necessidade também do

[43] O Guardião ou guardiã é responsável por uma determinada casa e o Custódio e/ou Custódia assume a responsabilidade quando há ausência de Guardiães por motivos de viagens ou outros afastamentos. Há ainda os que assumem responsabilidades por uma determinada região, chamados ministro ou ministra regional e por fim, o ministro ou ministra geral.

> feminismo, do toque feminino com que elas nos ajudam. Ou seja, há esse complemento. Naquilo que é necessário ela nos completam e, no que for necessário, nós completamos a elas. (irmão, 23 anos).

Ao mesmo tempo, em cada uma das casas, independentemente do ramo, isto é, se masculino ou feminino, os toqueiros e toqueiras assumem as tarefas domésticas e/ou administrativas de forma similar. Homens e mulheres da Toca lavam louça, limpam e arrumam a casa e cuidam dos doentes e abrigados. O banho aos assistidos é dado de acordo com o sexo. Os rapazes banham os beneficiários nas casas masculinas e as moças assumem o cuidado da higiene das mulheres abrigadas.

> A forma de oração, as horas que se faz de adoração, tudo é em conjunto. Nossa roupa é muito parecida, a pastoral de rua, a gente faz junto; quando sai pra evangelizar, também. A gente vai ajudar na casa deles e eles vêm ajudar na nossa. De diferente, mesmo, só questões muito pequenas, muito pessoais também..., acho que entre a comunidade mesmo. São coisas que são próprias de homens e coisas que são próprias de mulheres. Acho que é só mais isso mesmo, né, em vida prática, nós somos muito iguais, muito parecidos. (Irmã, 25 anos).

Há, contudo, dilemas *intragênero*, conforme observado em outras pesquisas[44] com jovens ingressantes na VR. Esses dilemas estão mais diretamente relacionados ao voto de obediência. As mulheres em exercício de poder não raro reproduzem a atitude masculina de mando que não admite a contestação, o que dificulta o exercício do voto de obediência como prática de liberdade interior e desapego. Com efeito, ser consagrada para as toqueiras faz parte da realização de um desejo pessoal que fora testado em especificidades condizentes com a trajetória histórica individual. Embora algumas moças tenham esperado anos para o início de sua trajetória como Filhas da Pobreza, os desejos permaneceram ativos e vão sendo gradativamente realizados ou transformados a partir da experiência religiosa.

Uma das jovens, em razão da restrição colocada pela mãe para o seu ingresso na Toca de Assis, teve que esperar aproximadamente dois anos para fazer parte do Instituto. Nesse caso, o Instituto feminino propiciou a realização do desejo individual apresentando-se como uma oferta plausível para a integração e desenvolvimento religioso da candidata à VR. Em muitos casos analisados, esses anseios foram gerados a partir de um contato com informações ou atividades da Toca ou até mesmo a partir de TVs católicas, como a Canção Nova, que divulga estas ações. Não obstante, todas as entrevistadas demonstraram objetivos e motivações particulares para o ingresso. A

[44] S.R.A.FERNANDES. *Jovens religiosos e o catolicismo*.

atração pela Toca fora motivada principalmente pelo que seria um desejo de radicalização de vivência da pobreza.

Notou-se que a relação entre homens e mulheres na Toca apresenta uma dinâmica diversa do que ocorre na VR clássica. Entre os jovens de ambos os institutos – feminino e masculino - da Toca de Assis, parece haver uma convivência mais espontânea. Ainda que residam em casas separadas e considerando-se o fato de ter sido a Toca fundada por um homem, há uma participação das mulheres na formatação das atividades e no campo das decisões, que tanto ocorrem no âmbito das casas femininas quanto em atividades cotidianas do trabalho pastoral de toqueiros e toqueiras que habitam em uma mesma região.

Inicialmente, no ano de 2009, quando perguntadas sobre o estudo de Santa Clara, as moças afirmavam haver um carinho muito grande pela santa, mas não havia estudo aprofundado sobre Clara, uma vez que, curiosamente, ela não comporia a lista dos santos inspiradores do carisma da Toca. A forma de vida proposta por Clara diferia daquela vivida pelos membros da Toca feminina. A identificação com a vida missionária de São Francisco estaria muito mais presente, ou seja, a vida feminina na Toca de Assis se apresentava de forma oposta à vida tradicional de clausura do medievo. Mais recentemente, como mencionado, não apenas tem ocorrido simpatia das toqueiras pela clausura, como Santa Clara foi incluída como um dos patronos principais juntamente a São Francisco de Assis.

A clausura é, também, um lugar de distinção dos gêneros conforme se lê no relato de campo:

> A clausura é um local onde as irmãs podem se recolher sem ser incomodadas. Não pude entrar no quarto, apenas as irmãs podem entrar quando outra está ocupando o local, lá também ficam objetos guardados (objetos pessoais ou de uso comunitário). As irmãs são permitidas de entrar na clausura de outras casas menos da clausura masculina, da mesma maneira os homens não podem estar na clausura feminina. É permitido andar por toda a casa do sexo oposto, menos na clausura.[45]

Desafios à VR contemporânea – a difícil gramática entre tradição e globalização sociocultural

O principal desafio que a Toca de Assis coloca para a VR tradicional é a sua juventude e a forma como se insere na cultura global. Como Instituto religioso brasileiro com apenas 19 anos de existência, ainda não experimenta a rotinização do

[45] Diário de campo de Luisa Barbosa, bolsista de IC/CNPq, 05/10/2009.

carisma e o forte enquadramento das relações comunitárias tão presente na maioria das congregações religiosas, especialmente as de origem europeia. A prática religiosa acontece na Toca pela disponibilidade e espontaneidade de seus membros que ingressam com altos níveis de idealismo. Mesmo considerando que os dirigentes da Toca de Assis buscaram rapidamente sua institucionalização, o cotidiano das casas e as atividades próprias do Instituto situam esses jovens rapazes e moças como silenciosos questionadores da tradição e óbvios manifestantes de novas possibilidades de experimentação do religioso e das relações de gênero no mundo contemporâneo.

O estilo de vida da Toca de Assis, ancorado nas cidades e em torno dos pobres, a entrelaça à modernidade contemporânea; jovens efusivos e crentes de que sua fé poderá imprimir à sociedade transformações nos modos de vida urbano, a partir de uma ação solidária junto aos empobrecidos. Diferentemente de outras comunidades religiosas de inspiração franciscana, os toqueiros e toqueiras não buscam uma transformação socioestrutural de sua sociedade. Acreditam poder viver de forma radicalmente diferente de seus pares numa sociedade desigual que os questiona e os considera *loucos*. Desse modo, sugerem um reforma moral, no campo dos valores espirituais e materiais. Toqueiros e toqueiras querem assegurar a possibilidade de imprimir um novo estilo de vida à juventude nas grandes cidades, sobretudo tomando o cuidado dos pobres como um dos principais valores vinculado à solidariedade. Realizam esses ideários a partir de suas músicas e por meio da teatralização da fé que professam[46].

Ao estudar a comunidade Toca de Assis e outros movimentos religiosos contemporâneos, constata-se não haver uma relação de distanciamento entre religião e modernidade, mas de remodelamento e reconfiguração. A religião mantém, portanto, seu *poder* numa linguagem durkheimiana, enquanto *sistema de forças* que faz os homens viverem[47].

A liberdade religiosa dos indivíduos modernos opera em consonância com a sustentação da religião, seja em diferentes modalidades na esfera pública, seja na esfera individual, nas consciências. A esfera religiosa se mostra mais multifacetada e, por vezes, mais provocativa aos analistas, na medida em que irrompe na contemporaneidade produzindo novos sentidos e impactos diferenciados em vários âmbitos, inclusive na esfera de gênero, foco de nossa análise neste texto.

Desse modo, há muitas formas de tentar compreender a eclosão de um grupo religioso como a Toca de Assis na modernidade contemporânea, capaz de atrair, sobretudo, a juventude. Optamos por analisar sua forma de adesão e suas representações

[46] São inúmeros os vídeos no Youtube em que se vê os jovens da Toca em momentos de descontração, cantando ou representando peças teatrais tematizadas pela religião. Um exemplo pode ser visto em: http://www.youtube.com/watch?v=MqdihoTIs5k&feature=related. Acesso em 10 de julho de 2012.

[47] E.DURKHEIM. *As formas elementares da vida religiosa*, p.74.

da religião e visões de mundo. A Toca se insere de maneira típica ideal na primeira resposta acima elencada no que tange ao fenômeno religioso na modernidade, uma vez que os *insights* fundacionais da então Fraternidade religiosa ressignificam o franciscanismo. A escolha religiosa desses jovens, embora inspirada na tradição, guarda elementos típicos da modernidade tanto nos estilos de vida quanto nas representações do passado tradicional.

Para os toqueiros e toqueiras, um dos principais elementos da sociedade moderna e digno de crítica é a velocidade do ritmo da vida. Há ainda outros aspectos que eles condenam, tais como a perda de valores que inclui a postura egocêntrica, o chamado consumismo e o mau uso da liberdade. Este último esbarra diretamente em questões inerentes ao campo da sexualidade, vista por eles como algo com que os jovens do *mundo* lidam descontroladamente.

Uma diferença importante entre os institutos da Toca e outras congregações é que, nos primeiros, não há empregados domésticos, embora possam existir outros colaboradores[48] voluntários ou contratados, sobretudo nas casas chamadas *de acolhida*. Esse fato é condizente com o estilo de vida que adotam. Também nas casas masculinas os trabalhos domésticos são realizados pelos próprios toqueiros. Há um rodízio dessas funções, de modo a que todos realizem todas as atividades, independentemente de se possuir aptidão para uma ou outra tarefa.

O uso do tempo em estilo dinâmico e intenso aproxima esses jovens de seus contemporâneos, mas ainda assim, curiosamente, eles fazem a crítica à sociedade que não para. Percebe-se que a crítica da Toca ao ritmo do tempo não recairia necessariamente sobre a velocidade da vida moderna, mas, antes, sobre uma ação cotidiana exercida pelos que estão *no mundo* e que não se voltariam para a dimensão religiosa ou sagrada; assim, o corre-corre dos toqueiros e toqueiras é visto como mais legítimo, uma vez que visa o bem comum e a construção do *Reino de Deus*.

Outro aspecto que carrega certa ambiguidade no que tange às representações acerca da sociedade moderna é o avanço das novas tecnologias. Naturalmente - se considerado o apreço que cultivam pela austeridade -, os jovens condenam o uso indiscriminado de celulares, internet etc., mas entendem que essas descobertas facilitaram a dinâmica da vida cotidiana mesmo em sua comunidade religiosa. Assim, são raros os exemplos que citam como, em algumas de suas casas de referência, há mais acesso a internet[49]. Ressalte-se, contudo, que estão sempre prontos a apresentar as justificativas para o uso

[48] Enfermeiros, secretárias, assistente social. Sobretudo nas casas de triagem, esses profissionais são demandados.

[49] Vale lembrar que algumas de nossas entrevistas foram realizadas por *Skype* em razão de alguns informantes residirem fora do município do Rio de Janeiro. As casas religiosas estão constantemente online no *Skype,* demonstrando uso frequente desse recurso.

e a aquisição de alguns desses bens. O fim maior, segundo suas narrativas, é sempre o serviço aos pobres no sentido de criar condições, de forma controlada, para melhor atendê-los.

A busca de sentido é expressa por eles como uma demanda dessa sociedade que se perdeu numa perspectiva consumista e na erotização dinâmica. Argumentam que eles próprios encontram tal sentido na medida em que praticam o bem. Assim, a prática do bem e o cultivo dos valores cristãos constituem os maiores bens simbólicos na vida dos/as toqueiros/as. Esses bens se materializam no cuidado com os pobres, nas práticas litúrgicas e em outras atividades pastorais que realizam.

Há, como vimos, em todas as narrativas, a oposição clássica entre *nós* e o *mundo*; fato que permite perfilar esses jovens na categoria weberiana de ascetas intramundanos[50]. Por outro lado, sua constituição e retorno a aspectos do franciscanismo do medievo autorizam sua identificação típica como ascetas extramundanos. O termo *mundo* é recorrente nos documentos institucionais da Igreja Católica, visando demarcar o temporal do espiritual seguindo a tradição filosófico-teológica medieval fruto da tradição de Artistóteles e Tomás de Aquino. Conforme uma irmã da Toca, *as coisas do mundo nos atacam por todos os lados*.

Assim, o *mundo* e os jovens são categorias de atribuição do religioso contemporâneo e, para alguns deles, a vida na Toca impõe a ação neste mundo, necessariamente. Neste sentido, importa ressaltar a versatilidade do instituto quando comparado a outros modelos de VR, na medida em que oferece aos jovens possibilidades diferentes de inserção sem promover conflitos extremos com o carisma proposto pelo fundador.

A Toca de Assis pode ser considerada como movimento religioso na medida em que emergiu na sociedade moderna questionando em parte as práticas religiosas tradicionais do sistema religioso católico. Certamente, a relação entre modernidade e religião passa a ser mais simbiótica do que díspar, o que significa dizer que o campo religioso altera algumas dinâmicas do novo contexto epocal tanto quanto dele recebe influências e reconfigura os processos de mudança social[51]. As demandas modernas antes defendidas (liberdade, autonomia, livre escolha) - hoje também causadoras de conflitos - podem ser vistas como mecanismos que possibilitam a presença da religiosidade como fenda de escape.

No tocante à modernidade, esse grupo de jovens apresenta uma unanimidade ao enfatizar os aspectos negativos da sociedade. A modernidade representa a falta de sentido para a vida, a ausência de Deus, a violência e a impessoalidade.

[50] M.WEBER. *Economia e Sociedade*.

[51] S.R.A.FERNANDES e B.FROELHE. *Revitalization Movements, Social Change and Justice*.

> Então, a minha opinião pessoal é de que realmente estamos em uma sociedade consumista, egocêntrica e longe de Deus, não generalizando, mas, infelizmente, há uma grande maioria que se perdeu e inverteu os valores (moça, 21 anos).
> Então, nossa sociedade é uma sociedade faminta de Deus. E Deus, só ele pode se dar. Você não consegue achar Deus em outro lugar, só se acha Deus nele mesmo. E como fazer um exercício para olhar pra dentro de si e achar Deus aí dentro, mas as pessoas estão sempre procurando fora. Sempre em prazeres momentâneos, alegrias passageiras, que, ao invés de causar um efeito concreto, sólido, mas pelo contrário, só aumenta o vazio dentro dela. E aí fica essa perda de sentido (rapaz, 23 anos).

Mediante os destroços da época moderna e a falta de sentido que caracteriza identidades juvenis em nossos tempos, a Toca de Assis apresenta-se na contramão da sociedade ao enfatizar um sentido para existência através da espiritualidade e do carisma do Instituto. Destaque-se que os elementos culturais oriundos da modernidade se inserem na vida do Instituto, mas o significado que lhes é atribuído carrega em si importantes elementos de diferenciação. Considera-se, portanto, que a Toca produz adaptações de determinados elementos da cultura secular, atribuindo um novo sentido à adesão religiosa e respondendo a uma nova realidade.

Por fim, é possível atestar que a Toca de Assis é um exemplo nítido das novas comunidades religiosas que ganham importância no cenário religioso a partir do enfraquecimento da consistência dos laços entre os indivíduos e as religiões tradicionais. No processo de reestruturação que atravessa, a Toca de Assis questiona e simultaneamente busca adaptar-se ao tradicionalismo religioso à medida que vem adotando regras claras de Instituto religioso em termos canônicos, mas a geração que a compõe é oriunda de um tempo de mudanças que a interpenetra e lhe confere autenticidade.

Referências bibliográficas

BINI, Frei Giácomo. *Clara de Assis: Um hino de louvor*. Roma: OFM, 2002.

BRUNELLI, Delir. Clara de Assis e o movimento religioso feminino nos séculos XI – XIII. In: COSTA, Sandro da; SILVA, Andréia Cristina Frazão da e SILVA, Leila Rodrigues da (Orgs.). *Ciclo A Tradição Monástica e o Franciscanismo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003, pp. 17 – 28.

CARBALLO, José Rodríguez: Clara de Assis e de hoje um coração seduzido e conquistado pelo Senhor. No 750º aniversário da morte de Santa Clara e da aprovação de sua Regra Carta do Ministro geral da Ordem dos Frades Menores na festa de Santa Clara de Assis, Roma 2004, Disponível em: http://clarissas.com.br/novo2012/arquivos/14092012105012_clara_ontem_hoje.pdf

CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília. Novas comunidades católicas: porque crescem? In: MARIZ, Cecília; CARRANZA, Brenda; CAMURÇA, Marcelo (Orgs.). *Novas Comunidades católicas – em busca do espaço pós-moderno*. São Paulo: Letras, 2009, pp. 139 - 169.

CASAGRANDE, Carla. A mulher sob custódia In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Orgs.) In: *História das Mulheres. A Idade Média*. Porto: Afrontamento, 1993, pp. 99 – 142.

DUBY, Georges. *Eva e os padres – damas do Século XII*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa.* São Paulo: Paulinas. 1969.

FERNANDES, Sílvia R. A.; FROELHE, Bryan. Revitalization Movements, Social Change, and Justice: Brazil's Toca de Assis in Global Perspective. In: O'MALLEY, J. Steven (Org.) *Interpretative Trends in Christian Revitalization for the Early Twenty First Century.* EUA: Emeth Press, 2011. pp.133-150.

FERNANDES, Sílvia R. A. *Entre tensões e escolhas – um olhar sobre jovens na vida religiosa*. Sociedade e Estado, vol. 25, nº 3, Brasília, 663-683, 2011a.

_____. *Jovens religiosos e o catolicismo – escolhas, desafios e subjetividades.* Rio de Janeiro, FAPERJ/Quartet, 2010.

_____. Racionalização religiosa em tempos de pluralismo – o caso da Toca de Assis. Relatório de pesquisa FAPERJ, mimeo, 2011.

_____. A não ordenação feminina: delimitando as assimetrias de gênero na Igreja Católica a partir de rapazes e moças vocacionados/as. *Estudos Feministas*, nº 13, v. 2 (2005), pp. 425 – 436.

_____. Vida Religiosa Feminina: tradição e modernidade em perspectiva. *Grande Sinal* (Petrópolis), v.2000/3 (2000), pp.327 – 340.

MARIZ, Cecília L. Missão religiosa e migração: "novas comunidades" e igrejas pentecostais brasileiras no exterior. *Análise Social*, vol. XLIV (2009), pp. 161- 187.

MOREIRA, Alberto da Silva. São Francisco e os Pós-modernos. In: COSTA, Sandro da; SILVA, Andréia Cristina Frazão da e SILVA, Leila Rodrigues da (Org). *Atas do Ciclo A Tradição Monástica e o Franciscanismo.* Rio de Janeiro: UFRJ, 2003, pp. 29 – 38.

PEDROSO, José Carlos C. *Santa Clara de Assis*. Piracicaba: Centro Franciscano de Espiritualidade, 2006.

PORTELLA, Rodrigo. Medievais e pós-modernos: a Toca de Assis e as novas sensibilidades católicas juvenis. In: MARIZ, Cecília; CARRANZA, Brenda; CAMURÇA, Marcelo (Orgs.). *Novas Comunidades católicas – em busca do espaço pós-moderno.* São Paulo: Letras, 2009, pp. 171-194.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Tradução Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Avila. Recife, SOS Corpo, 1991. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html. Acesso 08 de setembro de 2009.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Brasília: UnB, 1994.

_____. Rejeições religiosas do mundo e suas direções. *Ensaios de Sociologia.* Rio de Janeiro, Guanabara, 1982.

Sites visitados:

Toca de Assis: http://www.tocadeassis.org.br
Congregação das Catequistas Franciscanas: http://www.cicaf.org.br
Clarissas: http://www.irmasclarissas.org.br

Recebido: 14/08/2014
Aprovado: 24/09/2014